

## CULTURA E ENSINO: UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA NO PERÍODO DO PIBID

Pedro Henrique Giequelin Silveira<sup>1</sup>  
Roger Antunes<sup>2</sup>  
Halferd Carlos Ribeiro Junior<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

O exercício da docência pode ser entendido, de forma concisa, como a prática do ensinar. Acerca desta atividade, temos ciência de que pode ser especialmente complexa e desafiadora. Ser professor implica desempenhar uma função permeada sempre por tensões, conflitos, negociações e ambivalências (FERREIRA et al., 2015). Frente a estes desafios o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) se apresenta enquanto um primeiro contato dos estudantes de licenciatura à esta prática que, como bem sabemos, ultrapassa os limites da simples transmissão de conhecimento.

Os graduandos e graduandas do curso de História participantes do PIBID 2022/24 da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, por meio de encontros e discussões que promoveram um aporte teórico e instigaram uma avaliação crítica do ambiente escolar, bem como das visitas à instituição de ensino que contemplaram a observação dos diferentes cenários intrínsecos à escola, somado a uma intervenção pedagógica que proporcionou a aplicação prática dos ensinamentos acumulados até então, puderam ampliar significativamente seus conhecimentos e experiências com relação à docência, à cultura escolar e ao ensino.

A participação e envolvimento no contexto educacional foram efetivados em escola estadual localizada no Bairro Industrial da Cidade de Erechim - RS. A turma acompanhada até então foi um primeiro ano do ensino médio no turno matutino, o único que engloba estudantes do ensino médio na educação básica, em suas duas aulas de História semanais.

Desta maneira, a partir das experiências e observações no ambiente escolar, da análise dos textos lidos e das discussões realizadas durante os encontros do PIBID, este texto tem como objetivo a elaboração de uma exposição acompanhada de uma análise crítica relacionada à cultura escolar, especialmente no contexto da turma que foi objeto de estudo por um período que abrangeu quase seis meses. Ademais, buscamos também apresentar a intervenção pedagógica realizada e os desafios inerentes a ela.

### 1 METODOLOGIA

A metodologia selecionada possui caráter teórico e empírico. Ela se fundamenta nas leituras efetuadas e nas discussões promovidas nos encontros do

<sup>1</sup> Acadêmico de História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim. E-mail: [pedrohgiequelin@gmail.com](mailto:pedrohgiequelin@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico de História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim. E-mail: [rogerantunes777@gmail.com](mailto:rogerantunes777@gmail.com)

<sup>3</sup> Licenciado e Bacharel de História, Mestre em História pela UNESP/FRANCA, Doutor em Educação pela FE/UNICAMP, Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFFS/Erechim. [Halferd.junior@uffs.edu.br](mailto:Halferd.junior@uffs.edu.br)

PIBID, bem como nas observações realizadas na escola. Essas informações obtidas a partir das observações e anotações, serão complementares à base teórica, além de apresentadas e avaliadas de maneira qualitativa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do ambiente educacional necessita de uma análise da cultura que a permeia. Para categorizar o que, ao fim e ao cabo, a cultura escolar, nos amparamos em Dominique Julia, que acerca deste conceito exprime que:

poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (JULIA, 2001, p. 10).

Assim, a cultura escolar se encontra, segundo Julia, dentro de um sistema complexo que não se limita apenas à transmissão de conhecimento em sala de aula, mas também inclui a promoção de valores e dos comportamentos desejados, os quais podem ser influenciados por fatores culturais e também temporais. Além disso, para o autor, é relevante, dentro do contexto da cultura escolar, buscar compreender, quando possível, as culturas infantis, conforme definidas no âmbito antropológico, que surgem nos pátios das e o afastamento que apresentam com relação às culturas familiares (JULIA, 2001). Em resumo, é possível afirmar que a cultura escolar abarca um amplo conjunto de demandas e interações entre os indivíduos que experienciam e contribuem, tanto de maneira direta quanto indireta, para o âmbito do sistema educativo. Se trata de uma estrutura que se estabelece e pode-se perceber tanto em grande quanto em pequena escala.

Para além deste autor, outros nos são importantes para a análise destas experiências vivenciadas. Entre eles, e talvez seja o mais importante, figura Paulo Freire, que serve de exemplo para a prática realizada e sua análise, a qual, mesmo com suas limitações visíveis, buscou uma interação com os estudantes e a correlação entre o presente e o passado.

## 3 AS OBSERVAÇÕES

As observações realizadas foram de suma importância para a elaboração de uma concepção realista daquilo que é o ambiente de ensino. Por conseguinte, a utilização de um caderno de campo e a realização de anotações pontuais da turma nos permitem uma posterior análise de maneira mais calma e racional daquele ambiente, visto que:

Numa estrutura na qual sentimentos, ações e pensamentos se mostram constitutivos uns dos outros, a narrativa traz à tona a carga afetiva que muitas vezes não é percebida na ação ou apresenta uma racionalidade outra exigida para tomada de atitude em momentos de grande emoção. Desvela-se o fazer da docência como um constante pensar-sentir (FERREIRA et al, 2015, p. 213).

Este sentir da docência se apresenta a todo momento, se torna inerente à prática e, por vezes, a mesma se encontra vinculada mais a estas emoções e conflitos do que ao simples, porém importante, conteúdo programático.

Das percepções através das leituras e análises possibilitadas por esta experiência, devemos destacar algumas das mais aparentes e corriqueiras entre os alunos. Talvez a mais evidente seja a cumplicidade entre os mesmos. As relações de amizade são facilmente percebidas e mesmo com a formação de alguns grupos isolados, que podem ser analisados separadamente por uma barreira relacionada ao gênero e outros gostos que partilham em comum (como a música, o futebol, etc.), todos aparentam possuir uma boa relação entre si. Os relacionamentos amorosos, expressão máxima da juventude, também se fazem presentes, mesmo que timidamente. Fato importante de ser mencionado é a presença de dois alunos com deficiência na sala, os quais possuem uma boa relação e interação frequente com o restante da turma, contudo, é percebida algumas desavenças relacionadas à “brincadeiras” de alguns dos alunos com estes, o que acaba por gerar algumas situações incômodas para o professor em sala e para os próprios estudantes.

“Piadas” ocorrem com certa frequência, e destacam-se aquelas de cunho homofóbico, especialmente. Por certo, não é honesto relacionar este tipo de comportamento com a certeza de um preconceito exacerbado, entretanto, mesmo que represente uma atitude corriqueira entre os adolescentes, esta forma de “humor” recorrente explana a incapacidade geral do sistema educacional como um todo de se adequar àquilo que as infinitas expressões de identidade que o mundo demanda. Desta dificuldade, se enquadra a incompreensão de cosmovisões distintas, como aquelas autóctones do nosso continente, as quais foram motivo de risos e brincadeiras.

Afora estas questões pontuais, as aulas de História são produtivas, os estudantes realizam aquilo que lhes é proposto pela professora, mesmo que com alguma relutância ocasional. Todavia, é necessário saber que as aulas acompanhadas foram com o professor regente da turma, das demais matérias há uma grande quantidade de reclamações, o que pode demonstrar um receio maior com aquela que se encarrega da turma, porém não podemos deixar de notar uma ótima relação da professora com a mesma, ou seja, é uma relação complexa, e qualquer simplificação e atribuição é mera especulação.

Sendo assim, temos aqui a expressão da juventude que se encontra no primeiro ano do ensino médio, muitas conversas, algumas intrigas e brincadeiras. Este é o ambiente que foi experienciado nas observações do PIBID.

#### **4 ENSINO DE HISTÓRIA: DIFICULDADES PARA TOCAR O NÃO PALPÁVEL**

Como abordado anteriormente, o ensinar é um grande desafio. A História, porém, possui uma dificuldade singular, visto que, uma vez que o passado se torna cada vez mais distante com relação ao presente, a complexidade de visualização deste por parte dos alunos vai gradativamente aumentando. Para passar por esse grande obstáculo, devemos aliar os próprios conhecimentos do educando sobre aquele próprio passado com os objetivos que queremos atingir em sala de aula. Já que:

A relevância de se estudar história deve residir na repercussão dos acontecimentos na própria história, ou seja, quanto esses fatos modificaram as relações sociais posteriores ou contemporâneas a eles, sempre fazendo uma relação passado-presente (LITZ, 2009, p. 11).

Utilizando como exemplo a intervenção realizada durante a experiência no PIBID, na turma já citada anteriormente, em que o tema abordado foi “Democracia

Ateniense”, o qual foi escolhido uma vez que os mesmos já vinham estudando a Antiguidade. Nesta experiência, tínhamos por objetivo principal o entendimento dos discentes acerca das bases da democracia brasileira através dos gregos, e para isso nos atemos em explicar a sociedade da época e como trazer esse passado para o presente. Recorremos para o uso de imagens, que atualmente “é uma das formas mais eficazes utilizadas como recurso pedagógico no ensino de história para incrementar o processo de aprendizagem” (LITZ, 2009, p. 12). Foram apresentados aos alunos mapas para localização geográfica, pirâmides sociais, e fotos da cidade de Atenas para que os mesmos consigam “tocar” no passado que está sendo falado.

Como atividade final, separamos a turma em grupos e distribuimos temas sobre os sistemas políticos mais antigos (Brasil Imperial) até os temas mais contemporâneos (Brasil Contemporâneo) de vários países ocidentais, a tarefa dos educandos era responder as seguintes perguntas pré-selecionadas: “Quem é considerado cidadão? Quem pode votar e quem pode ser votado?”, “Como funcionam as eleições neste país?”, “Pontue as principais diferenças com a relação à Grécia Antiga”, “Em sua opinião, qual modelo político funciona melhor?”. Ela foi pensada a partir do pressuposto que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2013, p. 20). Com essa atividade os alunos puderam perceber como a democracia ateniense influencia em suas vidas na atualidade, através de um olhar voltado à sua própria realidade como brasileiros, contribuindo assim para a criação da *consciência histórica*. Esta que é a dinâmica de como o pensamento do sujeito se liga com o passado através das suas próprias interações (CERRI, 2011 *apud* ASSUMPÇÃO; CAMPOS, 2023 p. 135)

Sendo assim, o ensinar História é realizar uma conexão do passado para o presente. Fazer com que o estudante compreenda que o passado ainda pulsa em sua vida contemporânea através de diversos fatores. Entretanto, a dificuldade maior está com o “toque” do passado, uma vez que não podemos mais replicar os acontecimentos para que os mesmos consigam visualizar, apenas conseguimos fazer com que vejam os vestígios deixados. Por isso buscamos ao uso de imagens para que os alunos conseguissem visualizar o que estava sendo passado e de como a sociedade grega se organizava. Além disso, a nossa atividade foi pensada para que se faça a ponte de como aquele passado remoto, além do tempo dos avós, moldou o mundo ocidental que vivemos.

## CONCLUSÃO

Com base no aporte teórico até o presente momento e do acompanhamento da turma durante o período de seis meses, podemos perceber que a cultura que permeia os estudantes não é deixada de lado durante o ensino dentro da sala de aula. Entender que os alunos são diferentes entre si e comunicam-se com o mundo de modos distintos, é essencial para que se consiga compreender as relações entre os mesmos. Fazer essa conexão entre a cultura destes jovens com o conteúdo em sala de aula é desafiador, mas necessário, a construção mútua, que Paulo Freire aborda com tanto fervor em seus escritos, é a grande chave para fazer com que os estudantes entendam o passado com base nas questões feitas no presente. Além disso, deve-se ter ferramentas, como o uso de imagens trazidas no presente trabalho, para que os mesmos possam ver o passado e assimilar com a sua convivência diária.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **A HQ Hades: o senhor dos mortos e o Ensino de História Antiga.** v. 12. n. 24. São Paulo: Revista História Hoje, 2023. Disponível em: < <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/984> > Acesso em: 12 out. 2023

FERREIRA, Luciana H.; PRADO, Guilherme do V. T.; ARAGÃO, Ana M. F. de. **A formação do professor por suas narrativas: desafios da docência.** Revista Hipótese, Bauru, v. 1, n. 4, p. 204–227, 2015. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/100>. Acesso em: 13 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. *E-book Kindle*.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.

LITZ, Valesca Giordano. **O Uso da Imagem no Ensino de História.** 1.ed. Paraná: UFPR, 2009